

**NOTAS SOBRE O SUJEITO LÍRICO: ENTRE A POESIA E A AUTOBIOGRAFIA**

**NOTES ON THE LYRICAL SUBJECT: IN-BETWEEN POETRY AND AUTOBIOGRAPHY**

**NOTAS SOBRE EL SUJETO LÍRICO: ENTRE LA POESÍA Y LA AUTOBIOGRAFÍA**

Olavo Barreto de Souza<sup>1</sup>

Universidade Estadual da Paraíba

**Resumo:** A pesquisa enfatiza a problemática do aspecto autobiográfico e lírico centralizado na prática poética. Para tanto, do ponto de vista teórico, configuramos uma discussão, na primeira parte do trabalho, sobre a subjetividade presente na poesia, a partir de Hegel (2004) e Goethe (2012). Continuamos a discussão, na segunda parte, tecendo relações entre o pensamento desses autores com leitura de Staiger (1975), de modo a enfatizar, inclusive, suas ponderações sobre a disposição anímica e a lírica como recordação. Além disso, o presente trabalho também explora a relação entre a poesia lírica e a autenticidade, evidenciando a importância da subjetividade poética. Como resultados, verificamos que nas relações epistemológicas sobre a lírica, em ambos os autores possuem uma visão intimista sobre esse fenômeno, cujo "eu", por lado, pode ser tomado como elemento de veracidade, aproximando-se da autobiografia, e, por outro, pode ele ser uma configuração estética que se distancia disso, favorecendo a criatividade poética disposta animicamente.

**Palavras-Chave:** Poesia e autobiografia. Hegel e Staiger. Teorias do sujeito lírico.

**Abstract:** This research emphasizes the problem of autobiographical and lyrical aspects in poetic practice. Thus, from a theoretical perspective, in the first part of the work we set a discussion about subjectivity in poetry based on Hegel (2004) and Goethe (2012). In the second part, we continue the discussion by establishing connections between Staiger's reading (1975) and the ideas of the aforementioned authors in order to highlight his reflections on psychic disposition and lyric as a remembrance as well. Furthermore, the research also explores the relationship between lyrical poetry and authenticity, highlighting the significance of poetic subjectivity. As for the results, we observed that in the epistemological relations about the lyric, both authors have an intimate understanding of this phenomenon, whose "I", on one hand, can be seen as an element of veracity, close to autobiography, and, on the other hand, it can be an aesthetic configuration that distances from it, favoring the psychically disposed poetic creativity.

**Keywords:** Poetry and autobiography. Hegel and Staiger. Theories of the lyrical subject.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Literatura, cultura e tradução, pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba. Especialista em Ciências da Linguagem com ênfase no ensino de língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba; e em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Graduado em Letras (língua portuguesa e literatura) pela Universidade Federal de Campina Grande. Nessa mesma instituição foi bolsista de Iniciação científica. Atuou como docente na rede pública de ensino do estado da Paraíba (ensino médio). Integra o Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos de Poesia (CNPq/UFPB). Seus estudos voltam-se, sobretudo, para o campo da Literatura Brasileira, tendo em vista alguns temas: poesia; metapoesia; literatura comparada; mulher e literatura; erotismo e literatura.

**Resumen:** Esta investigación enfatiza el problema de los aspectos autobiográficos y líricos en la práctica poética. Así, desde una perspectiva teórica, en la primera parte del trabajo establecemos una discusión sobre la subjetividad en la poesía basada en Hegel (2004) y Goethe (2012). En la segunda parte, continuamos la discusión estableciendo conexiones entre la lectura de Staiger (1975) y las ideas de los autores mencionados anteriormente, con el fin de resaltar sus reflexiones sobre la disposición psíquica y la lírica como recuerdo también. Además, la investigación explora la relación entre la poesía lírica y la autenticidad, destacando la importancia de la subjetividad poética. En cuanto a los resultados, observamos que en las relaciones epistemológicas sobre lo lírico, ambos autores tienen una comprensión íntima de este fenómeno, cuyo "yo", por un lado, puede ser visto como un elemento de veracidad, cercano a la autobiografía, y, por otro lado, puede ser una configuración estética que se distancia de ella, favoreciendo la creatividad poética con disposición psíquica.

**Palabras Clave:** Poesía y autobiografía. Hegel y Staiger. Teorías del sujeto lírico.

**Recebido em 07 de agosto de 2023.**

**Aprovado em 15 de dezembro de 2023.**

## **PALAVRAS INICIAIS**

Para o início de nossa intervenção, observemos o seguinte enunciado: “O sujeito lírico é a expressão do poeta na sua autenticidade” (COMBE, 2009-2010, p. 115). O autêntico, aquilo que está confirmado pela verdade, traduz-se como a cifra do poético. Os caminhos que cruzam o poeta e o sujeito que escreve são intercambiáveis. Essa subjetividade, entrelaçada de modos de operação linguísticos próprios, de ambientes de registro para a afirmação do si mesmo, da expressão de interioridade, emerge da criação daquele que se dirige ao leitor, mediante sua obra, revelando seus afetos, através da transfiguração, da transmutação do objeto poético próximo do real de quem escreve. Os caminhos entre o sujeito poético e o sujeito real, no exercício de um diálogo interminável, possuem veredas tortuosas às quais a teoria literária tem se debruçado.

Essa questão, antes de ser algo de fácil aceção, cujos dicionários sedimentam suas propriedades e os poemas a exemplificam, merece uma análise que busca entender como a voz expressa no poema pode estar como referente ao sujeito que escreve, o poeta. Entre esse e o homem que escreve, *persona* e pessoa, existem pontos de iniciação, de fratura, de retorno. Elementos esses que nos indicam que a questão é diversa, dinâmica e irresolvível.

Olhar para o eu, em termos da práxis poética, compreende, de início a expressão da interioridade lírica. De modo sintético, alguns autores assim definem esse conceito literário: “(...) a lírica passou a ser definida como sendo aquele poema onde o poeta se preocupa com o próprio eu; ou seja, o que importa são as disposições da alma, as disposições interiores, e não os elementos exteriores” (FRANCO, 2010, p. 104); enquanto o lirismo é a “qualidade da obra poética, sobretudo a Poesia, marcada pelo subjetivismo sentimental, quanto ao fundo, e por um máximo de elementos musicais no texto literário, quanto à forma” (CAMPOS, 1978, p. 102); e, por fim, a lírica está conceituada como “(...) a poesia do “eu”, poesia da confissão ou a poesia da emoção. De onde o seu relativo alcance: por meio da confissão dos estados íntimos, o poeta comunica sentimentos acessíveis a toda gente” (MOISÉS, 2004, p. 262). A subjetividade, a interiorização, a linguagem do eu são marcas que estão sedimentadas na compreensão geral sobre o texto de teor lírico. Todos os autores acima citados, possuem nos seus verbetes sobre a lírica, informações que reúnem a configuração da poesia sob esses termos como infensa à “outridade”, ao exterior explícito. Enquanto a forma do poema lírico está suspensa de uma particularização – salvo a noção de Staiger (1975) de que o poema lírico deve ser curto; ou algumas noções que tecem uma remediação do enunciado lírico à musicalidade, por questões históricas sobre a gênese desse modo de linguagem –, seu teor, por outro lado, considera a interioridade, os ímpetos da alma.

Nosso enfoque de pesquisa, mediante tais ponderações, está centrado nas questões autobiográficas que rodam o gênero lírico. A autenticidade do sujeito lírico, cuja ação expressa a interioridade do sujeito, está configurada numa justaposição do poema com o real. A ideia de operação confessional, de registro diarístico, de uma linguagem lírica são pontos que iluminam (ou obscurecem) a discussão em torno da poesia em suas constituições de autoria.

Seja uno, como na visão de Hegel (2004), ou fraturado, como em Adorno (2003), prestes à reificação, é importante observar que a lírica pondera as questões do eu poético. A voz que atravessa o poema, próxima do homem que escreve, configura-se como um modo pelo qual há o acesso ao fatídico transmutado poeticamente.

Particularizando nossa discussão, mediante tais questões, procuramos trabalhar como a subjetividade irremediável se configura na lírica e, para tanto, comentamos o pensamento de Hegel (2004) e Goethe (2012), acerca de tais questões; depois, observamos o conceito de disposição anímica em Staiger (1975), bem como de lírica

como recordação, em face das questões que relacionam a práxis poética com a realidade; por fim, ponderamos elementos que estão presentes no diálogo entre esses autores, uma vez que Staiger (1975), ao demonstrar sua proposição acerca do gênero lírico, relê alguns pontos da teorização de Hegel sobre a poesia, em termos de sua expressão de interioridade, caracterização particular da lírica no pensamento desse autor.

Por fim, é importante ressaltar que a dimensão do quadro teórico sobre a lírica vai além desses autores e firma uma linha de investigação com diferentes abordagens. A motivação para a leitura dos autores acima mencionados se justifica pelo modo como suas proposituras podem ser válidas para a produção poética, nalguns casos, mais recente em termos de publicação. Embora teoricamente e historicamente esses autores estão figurados em distância – sendo Hegel um filósofo do século XIX, e Staiger, um crítico literário do século XX – seus modos de operação teórica tendem a postulados de aproximação e distanciamento, quando se propõem analisar o fenômeno da poesia do eu, enunciado em que sujeito e linguagem realizam o conúbio entre o real e a criação literária.

## **1 SUBJETIVIDADE IRREMEDIÁVEL**

O deslinde de Hegel acerca do poeta lírico demonstra o tom irremediavelmente subjetivo impetrado na cosmovisão da poesia romântica: “A principal condição para a subjetividade lírica consiste, por conseguinte, no fato de assumir em si mesma inteiramente o conteúdo real e torná-lo seu” (HEGEL, 2004, p. 163). O ato de assumir em si a matéria da poesia, como um conteúdo real, coloca em foco a noção de proximidade com o real – e verdadeiro – da poesia, na atividade de criação do poeta. Estando sob as linhas do poema, a vida tem não um duplo ou um simulacro, mas toda sua totalidade. O crítico continua afirmando de como o poeta lírico se porta ao mundo, em sua relação com a poesia e sua interioridade criativa:

(...) o poeta lírico autêntico vive em si mesmo, apreende as relações segundo sua individualidade poética e dar a conhecer – por mais diversamente que ele também funda seu interior com o mundo dado e seus estados, enredamentos e destino – na exposição dessa matéria apenas a própria vitalidade autônoma de seus sentimentos e considerações. (HEGEL, 2004, p. 163)

Pensamos, a partir disso, que a atividade poética dimensiona uma realidade cujo fator de presentificação está centrado na vida do poeta. Sua subjetividade, sua corporificação, sob o rastro das letras do texto, esquadra uma continuidade, uma extensão do si mesmo. Viver em si mesmo, em sua interioridade, experimento de abstração cujo

seu traduzir se espalha no dito poético. A veemência do verbo incide em vitalizar o construto poemático espelho da consciência de quem o arquiteta. O poeta se dá ao interior de si mesmo e o poema é o rastro dessa interiorização, o marco locucional de intervir na matéria das palavras para comunicar o real, através do simbólico – elementos composicionais e estéticos – tendo por consequência a ilustração da subjetividade, tendo o jogo do poema como campo de flexibilização das forças interiores que delineiam as idiosincrasias que constituem o sujeito em sua expressão no texto.

Hegel considera que o ser poético é quem direciona, quem cria e quem fomenta todo processo poemático. Essa operação é um encerrar-se em si. É a conclusão dos termos nos quais o poeta enreda sua escrita e cujo papel poderá ser o seu corpo; e, a tinta, o seu sangue. Nesse ponto, compreendemos que existe uma ligação profunda entre aquele que é o autor – instância literária – e a pessoa que escreve – instância do real. Amplificando tais questões, o crítico pondera:

O sujeito poético concreto, o *poeta*, tem de se colocar, por conseguinte, como o ponto central e conteúdo propriamente dito da poesia, sem todavia progredir para o ato e a ação efetivos e se enredar no movimento de conflitos dramáticos. (HEGEL, 2004, p. 173 – grifos do autor)

O discurso do poeta, nesse sentido, não se confunde com uma fabulação. O lance do si mesmo, através da malha poética, é a sua própria subjetividade, seu ser inteiro. Enquanto a narrativa, ou os gêneros dramáticos, funcionam em face de uma “persona” cujo perfil não se confunde com o autor; na lírica essa atividade está matizada com uma paleta de cores nas quais a obra e a vida carregam o mesmo aspecto. O poema se alimenta da vida. O poema é a realização que está efetivada por um condicionamento do viver e do criar – esse como sinônimo daquele. É essa unidade que qualifica o poético, sob a ótica de Hegel.

Como o ato poético está direcionado para a interioridade, efetivamente o ser do poema deve encontrar a si na escritura. É isso que Hegel coloca como conexão para a particularidade de si, a presença do eu no poema:

Para poder indicar o ponto central de coesão da obra de arte lírica, o sujeito deve, por um lado, ter progredido para a *determinidade* concreta da poesia ou da situação, por outro lado, se *conectar* com essa sua particularização como consigo mesmo, de modo que ele se sinta e se presente a *si* mesmo nela. (HEGEL, 2004, p. 177 – grifos do autor)

A concretude do ato poético somando ao conectar-se consigo mesmo, opera a fundação do texto lírico. Somente aquele poema no qual se haja o indício da unidade do

ser que desenvolve o perfil do poeta, expressa a totalidade da lírica prenhe da comunicabilidade do interior de quem escreve. É essa particularidade que incidirá na universalização da lírica. A expressão do subjetivo, do mais íntimo, qualifica o lírico para além das fronteiras do campo estrito do real, próximo do sujeito, corporificando o substancial, aquilo que funda o homem.

Essa visão centrada na interioridade admite a práxis poética de Goethe, poeta considerado pela análise de Hegel como o que mais teve predileção pelo poema de circunstância, “(...) pois, de fato cada ocorrência da vida se tornava para ele [Goethe] imediatamente um poema” (HEGEL, 2004, p. 163). A cosmovisão poética do filósofo, em que a vida e a poesia dialogam na mesma linguagem, tendo o poema de circunstância como local de ancoragem da poemática, é um ideal também anunciado pelo poeta alemão em seus diários: “O poema de circunstância, o primeiro e mais genuíno de todos os tipos de poesia, era desprezado a tal ponto que, até hoje, a nação ainda passa ao largo de seu imenso valor” (GOETHE, 2017, p. 475). Observamos que a adjetivação positiva desse tipo de composição, como “o mais genuíno”, confere a circunstancialidade da poesia como fulcral, esteio da conceituação do poético – o ordinário por onde se efetua a composição sob esses trâmites estéticos.

A análise de Hegel considera o poeta administrador de um ofício que é a chama viva de sua existência. Um compósito, um referencial onde podem ser acessadas as tramas da essência do sujeito poético. Essa observação em Goethe admite uma pedagogia da criação do poema. Em texto intitulado “Aos jovens poetas”, esse autor irá configurar uma planificação para o estatuto da criação poética, mediada por uma interioridade constituinte do homem e, por conseguinte, do poema, como modo de expressão: “(...) como o homem precisa viver de dentro para fora, o artista precisa se expressar de dentro para fora e, comporte-se como quiser, sempre trará à luz apenas a sua individualidade” (GOETHE, 2012, p. 19). Essa individualidade, pousa nessa atividade didática como a singularidade do ato poético. Expressar aquilo que ele mesmo afirma, o poema como espaço para a projeção da vida, lugar de particularização do viver, através do texto, espelhando o vivido: “Mas a substância poética é a substância da própria vida. (...) Perguntem-se a cada poema se ele contém uma vivência, e se tal vivência os fez progredir” (GOETHE, 2012, p. 20). Viver em si mesmo – essa é a determinação da atividade poética. O poema expressa o vivenciado, o falar de si.

Por fim, não se deve haver, diante dos postulados demonstrados uma confusão entre o falar de si como desabafo. Hegel apresenta essa postura, a da interioridade poética, como um modo de transfiguração. A poesia, pondera o autor,

(...) não permanece no mero expulsar do conteúdo de sua união imediata com o sujeito, porém faz disso um objeto purificado de toda a contingência das disposições, no qual o interior livrado retorna ao mesmo tempo, em autoconsciência satisfeita, livremente para si mesmo e está junto a si mesmo. (HEGEL, 2004, p. 156).

Desse modo, os ímpetos interiores se configuram, como afirma o filósofo, purificados. A subjetividade é composta por uma proximidade entre a vida, na expressão de uma verdade do sujeito, com uma modulação dentro dos parâmetros poéticos. O poema é o registro da operação de interioridade, de manifestação dos afetos, porém isso equivale a um enunciado que, estando sob o crivo da poesia, dimensiona a linguagem aos seus modos de realização em que a particularidade, a singularização media-se através da palavra poética.

## **2 DA DISPOSIÇÃO ANÍMICA À RECORDAÇÃO**

O ato poético, observando as postulações de Emil Staiger (1975), está centrado na disposição anímica – particularização da lírica, momento em que o sujeito, no ímpeto de sua interioridade, configura a gênese da poesia: elemento intraduzível, porque incompreensível, porém legítimo e legível. A construção da disposição anímica está composta de parâmetros que só podem ser efetivos dentro do si mesmo do poeta, ao mesmo tempo, configura o eu próximo do objeto. Essa operação resulta em uma atividade segundo a qual há a diluição entre o sujeito lírico e o mundo, numa exposição que tem como resultado a efetividade da lírica em sua instância criativa e comunicacional.

Staiger efetua, portanto, um construto teórico que processa a individuação do ato poético. A operação criativa, considera o autor, “no estilo lírico, não se dá a “re”-produção linguística de um fato (...) o poeta não “realiza” coisa alguma. Ele abandona-se – literalmente (Stimmung) – à inspiração” (STAIGER, 1975, p. 28). É essa disposição, cujo ânimo efetua no poeta a criação literária, o enfoque dado aqui. A possibilidade de uma reprodução, através das palavras, de um estado, desfigura a lírica como um acontecimento do acaso. Abandonar-se, poeticamente, equivale a se dispor ao que lhe apraz ao poeta, a atender aos ímpetos da alma, uma espécie de negação de uma atividade que tenha por objetivo recuperar a experiência, a recriando, a rerepresentando.

Estar à deriva, no abandono poético, dimensiona a alegoria expressa nos versos de Mario Quintana em “Os poemas”: “Os poemas são pássaros que chegam / não se sabe de onde e pousam / no livro que lê. (...) Eles não têm pouso nem porto / alimentam-se um instante em cada par de mãos / e partem.” (QUINTANA, 2005, p. 27). É essa a mesma ideia para qual o pensamento de Staiger está voltado ao que concerne à disposição anímica. O verbo poético, no ambiente lírico, envolve-se com o real, fruto da circunstancialidade na qual se inscreve a atuação do poeta – abandonado ao acaso, livre, porém, enredado no ofício que desenvolve sua escritura.

É importante frisar, diante dessa exposição, o caráter libertador e disfórico dessa proposta. Pois, considera Staiger que “(...) para o poeta lírico não existe uma substância, mas apenas acidentes, nada que perdure, apenas coisas passageiras.”, a ainda, que “a poesia lírica carece tão pouco de conexões lógicas, quanto o todo de fundamentação” (STAIGER, 1975, p. 45-46). De fato, o que está para a caracterização da atividade lírica se delinea no entorno da figuração de um fazer que sendo acidental, está desligado dos parâmetros de uma laboração, tendo por escrutínio o poema burilado. Não é preciso o uso de formulações pré-concebidas ou a qualidade da palavra replanejada, em função de um efeito de sentido ou o testamento de que houve no poema a criação de um arranjo provido para uma finalidade. Os poemas chegam com o acaso, buscam, na atividade com o leitor, unir sujeito e objeto – palavra e ser.

A atividade poética, configura-se num conúbio cuja resolução dimensiona uma destemporalização em que sujeito e objeto tornam-se um só. Assim, aponta Staiger:

O poeta lírico nem torna presente algo passado, nem também o que acontece agora. Ambos estão igualmente próximos dele; mais próximos que qualquer presente. Ele se dilui aí, quer dizer ele “recorda”. “Recordar” deve ser o termo para a falta de distância ente sujeito e objeto, para o um-no-outro lírico. Fatos presentes, passados e futuros podem ser recordados na criação lírica. (STAIGER, 1975, p. 60)

O registro poético, dessa forma, é destemporalizado. Estando suspenso de uma marcação que o identifique numa linha de sucessividade, sua elaboração tende a aproximar sujeito à objeto. Mundo exterior e interioridade em diálogo. É importante destacar essa característica, porque no poema lírico a recordação incide na possibilidade de uma ação triádica – presente, passado e futuro assumem uma formação em disparidade como a usual maneira de os ler. Nesse estágio, o sujeito está tão próximo do objeto que os pontos de cerceamento temporal se esvaem. É por essa razão que a disposição anímica,

mecanismo da individuação lírica, se presta ao acaso. Como esse não está qualificado para sua prevenção, tendo a imprevisibilidade como marca fundacional, o esvaziamento do tempo propicia a carga de intensidade da lírica, em que o ímpeto da criação deflagra a alma do sujeito ao mesmo tempo em que objetiva sua expressão.

Um outro elemento que está incluso na concepção da disposição anímica é o aspecto da individualidade, da particularização. Sobre isso, Staiger pondera: “A “disposição anímica” é inteiramente individual e só pode unir pessoas igualmente dispostas; não pode formar nenhuma comunidade no sentido lato da palavra.” (STAIGER, 1975, p. 73). Esse arranjo de “pessoas” equivale ao contato com o leitor disposto a enredar-se no abandono da lírica. Como o poeta se presta a produzir para si, desconsiderando um leitor real, mas tendo em evidência que a virtualidade do processo de escritura poética demanda um leitor implícito ao texto, o poema se constrói nessa via pela qual a individualidade condiciona o meio de apreensão dos redutos líricos.

A incidência do poeta em se solidarizar apenas consigo mesmo é uma das marcas da práxis lírica, como anuncia Staiger: “Ao poeta lírico, propriamente, não importa se um leitor também vibra, se ele discute a verdade de um estado lírico. O poeta lírico é solitário, não se interessa pelo público: cria para si mesmo.” (STAIGER, 1975, p. 48). Espelho de si, autorreconhecimento, caminho para chegar ao interior, através da recordação que produz o efeito de “um-no-outro” – unidade entre sujeito e objeto, estado de abandono ao acaso da disposição anímica: esses são alguns dos modos de compreensão sobre a produção lírica, na ótica de Staiger. Além disso, o autor ainda elenca quatro pontos fundamentais em sua análise:

Unidade entre a música das palavras e de sua significação; atuação imediata do lírico sem necessidade de compreensão (1); perigo de derramar-se, retido pelo refrão e repetições de outro tipo (2); renúncia à coesão gramatical, lógica e formal (3); poesia da solidão compartilhada apenas pelos poucos que se encontram na mesma “disposição anímica” (4) (STAIGER, 1975, p. 51)

Nessa listagem encontramos elementos que condicionam o aspecto lírico desde sua formação linguística, até sua filosofia. Particularmente, na ótica de Staiger, é a música um dos meios mais importantes de acessar à escritura lírica, uma vez que em função das tramas composicionais, tendo por efeito a vibração musical, se desabilita à significação estrita das palavras. Extinguir a necessidade de compreensão, dimensiona uma regularidade que só pode se justificar em função do ritmo, da música, expressos na

partitura do poema. Mediante isso, aqui é importante citar que o conceito original de “Stimmung” (a disposição anímica) é advindo da teoria musical<sup>2</sup>. Por essa razão, a musicalidade tem preferência no construto teórico sobre a lírica. Um outro elemento que está vinculado à musicalidade é o refrão. Essa repetição não é aleatória, tem por objetivo fomentar o clima lírico disposto animicamente. Sendo algo particularizador de um modo sonoro, a musicalidade desabilita o conteúdo gramatical. E, por fim, a realização desse percurso se efetua na solidão do poeta – contrário à identificação comunitária. Quem se presta ao clima lírico, solitário por natureza, coloca em evidência sua individualidade – poeta e leitor unidos nesse estado.

Por fim, vale ressaltar que, sendo uma ação criativa que tem o “eu” como centro, espelho do autor que escreve, há uma diferença entre o “eu” lírico e outro, em instância divergente. É por essa razão que Staiger declara:

O autor lírico não se “descreve” porque não se “compreende”. Se a primeira se presta a composições autobiográficas, a última serve para um diário em que o homem se pode dar conta de horas também já passadas. Somente aparentemente, somente no tempo medido pelo relógio é que o tema, neste caso, está mais próximo que na autobiografia, pois quem escreve um diário faz também de si o objeto de uma reflexão. Reflete, inclina-se sobre o passado. Se se inclina para trás é porque já deixou para trás o alvo. Realmente, o termo reafirma-se em significação literal. O autor de um diário liberta-se de cada dia, enquanto toma distância e reflete sobre ele. Se não o conseguir, se expressar-se diretamente, seu diário soará lírico. (STAIGER, 1975, p. 54).

O ponto de distanciamento entre a autobiografia e a lírica, mediante as colocações de Staiger é a temporalidade e, sobretudo, a não compreensão si mesmo nessa atividade. O crivo do tempo maneja a escrita autobiográfica, marcada por pontos de sucessividade. Para que haja a descrição do objeto, é necessário um afastamento dele. Somente assim será possível observar os meandros que figuram a realidade posta em relato – delegação do passado, análise da conjuntura pretérita do ser, mediante suas experiências. Como o autor lírico não se “compreende”, porque a proximidade entre sujeito e objeto se mede pela recordação, e não simplesmente pela lembrança ou alusão anterior ao momento da

---

<sup>2</sup> No artigo “As Noções de Stimmung em uma Série Histórica: entre Disposição e Atmosfera”, Arlenice Almeida da Silva (2016), discute como esse conceito foi aproveitado por diferentes correntes teóricas. Numa relação entre a arte e a filosofia, a atmosfera desse tipo de disposição carrega uma densidade de formas de apreender o fenômeno estético em sua constituição de gênese. Partindo da teoria musical para o campo da estética, a autora coloca em foco a abordagem de Kant, Fichte, dentre outros autores, mediando olhares para aquilo que ficou conhecido como o estado de ânimo.

criação, o que está em jogo é a fala do poeta expressa em função do presente da disposição anímica. Recorrer ao passado, a uma temporalização que retira do presente o foco, é uma ação que se espraia para uma espécie de dramatização ou reconstituição, sempre burilada, do si mesmo. Quem se descreve, entendendo os parâmetros diarísticos aqui discutidos, atribui significado. Como a lírica está desprovida de conexões lógicas ou fundamentações prévias, o poema sendo lírico, não se prestará à análise – extensiva – do si mesmo, mas estará aberto aos ímpetos da alma.

## **PALAVRAS FINAIS**

Entre Hegel e Staiger encontramos alguns pontos em que é merecido apontamento. É importante frisar que a distância temporal na produção de suas postulações teóricas dimensiona cosmovisões sobre a lírica em termos de sua constituição estética, bem como da práxis que ela envolve. Assim, prestamos aqui a pontuar algumas questões que nos parecem importantes para a compreensão do fenômeno lírico, mediante a aproximação dos construtos teóricos erguidos por esses autores.

Uma das particularizações da lírica, certamente, está em face da individuação do sujeito. Observamos em Hegel uma valorização da interioridade do ser como elemento particularizador da lírica. A subjetividade impetrada nesse processo é irremediável. Se em Hegel a atividade do poeta é olhar para o si mesmo, é encontrar dentro de si sua expressão; além disso, essa singularização, demonstração tácita do interior do sujeito, desenvolve a vida, longe de uma dramatização; diferentemente, para Staiger, essa interioridade mescla-se com o exterior. Estar “um-no-outro” – não somente a musicalidade ou o conteúdo, mas a junção de todos os elementos que estão traçados na subjetividade lírica.

Um outro ponto de destaque é a prevalência do conteúdo para Hegel e da musicalidade para Staiger. A veracidade, modo objetivo de marcação do sujeito em Hegel, está desprovida de lógica em Staiger. Se por um lado a lírica não se presta a simulacros, como indica Hegel; por outro, em Staiger essa mesma visão não se desfigura, porém a prevalência da musicalidade se aplica com veemência. Como a disposição anímica se qualifica como um estado de alma repentino a que se chega o poeta, a atualização desse estado se dá pela repetição, pelo ritmo do poema.

Por fim, um último ponto a ser destacado é o elemento autobiográfico que ronda o gênero lírico. Em Hegel, a veracidade, o colocar a si mesmo como tematização da poesia

lírica se presta como ponto de qualificação desse tipo de atividade estética. Esse autor afirma que o poeta lírico autêntico vive de si mesmo, sendo em tudo autêntico. Em Staiger, essa autenticidade está no irreprodutível da expressão lírica, sendo fruto da reflexão. Em termos líricos, estar no poema, ao poeta, significa dispor animicamente seu ser. Portanto, o conteúdo autobiográfico, para Staiger é redutível para outras operações de linguagem porque admitem uma busca pela compreensão do si mesmo. O ímpeto do espírito criativo está para além disso. Diferentemente, em Hegel o todo do ser, algo passível de verificação, é quem deve assumir a totalidade da lírica.

O empreendimento teórico aqui levantado considerou o pensamento de dois autores importantes para o estudo do gênero lírico. Deve-se considerar que suas postulações admitem uma visão intimista sobre o fenômeno, na busca de compreender a interioridade expressa por esse tipo de gênero. É importante frisar que outros autores desenvolveram – e ampliaram – essas questões (a exemplo de Adorno), porém, temos Hegel como um sistematizador do estudo da lírica. Por essa razão, revistar seus postulados nos servem para compreender modernamente a gênese desse estudo. Staiger, como um leitor de Hegel, se apropria de alguns postulados para dar sua contribuição ao estudo da poesia. Ambos observam, a seus modos, esse eu do poema, essa voz que se espraia entre as linhas do texto, seja unificando o si mesmo ou promovendo a disposição anímica.

## Referências

ADORNO, Theodor W. Palestra lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

COMBE, Dominique. A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. Trad. Iside Mesquita e Vagner Camilo. *Revista USP*, São Paulo, n. 84, p. 112-128, dezembro/fevereiro, 2009-2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13790>. Acesso em: 8 jul. 2023.

FRANCO, João José de Melo. *Pequeno dicionário poético e outros termos literários*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *De minha vida: poesia e verdade*. Trad. Maurício Mendonça Cardozo. São Paulo: Editora da UNESP, 2017.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Escritos sobre literatura*. 3ª ed. Org. e Trad. Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. As diferenças de gênero da poesia. *In*: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de estética*. Vol. IV. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. Consultoria Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. São Paulo: Globo, 2005.

SILVA, Arlenice Almeida da. As Noções de Stimmung em uma Série Histórica: entre Disposição e Atmosfera. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 39, n. spe, p. 53-74, 2016. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732016000500053&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732016000500053&lng=en&nrm=iso)>. access on 13 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-31732016000500005>.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.